

O DESENHO DA CRIANÇA EM SEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

CHILDREN'S DRAWING IN THEIR COGNITIVE DEVELOPMENT

Aline Fernanda Rossi Roberto*

Érica Cristina Serati**

Jéssica Carolina Serati***

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mostrar como fazer um desenho tem o poder de desenvolver aspectos cognitivo, emocional, social e motor de uma criança e como esta simples atividade de desenhar tem o papel de ajudar de inúmeras maneiras na aprendizagem de um aluno, seja na socialização, na relação professor-aluno ou até em seu autoconhecimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de apresentar as principais funções e um breve do histórico do desenho e seus benefícios dentro da educação infantil, reforçando assim a importância do ensino de Artes no currículo escolar. Além disso, tudo o que ensinamos através do lúdico é mais significativo. Então, porque não usar o desenho como ferramenta de ensino também, já que podemos desenvolver diversas habilidades com esta atividade? As crianças têm grande interesse quando se trata de papel, tinta, lápis ou giz de cera, e professores percebem muitos aspectos da criança através do desenho, como por exemplo os seus pensamentos, como vê o mundo, sua maturidade, seu equilíbrio, o seu desenvolvimento motor e muito mais. Por isso, a intenção dessa pesquisa é salientar aos educadores que o desenho faz parte da aula e que promove o crescimento intelectual das crianças, sendo ainda significativo e simples.

Palavras-chave: Desenho. Desenvolvimento. Cognitivo.

ABSTRACT

This article has the objective of showing how making a drawing has the power to develop cognitive, emotional, social and motor aspects of a child and how this simple activity of drawing has the role of helping, in several ways, the learning process of a student, being in socialization, student-teacher relationship or even in self-knowledge. It is a bibliographic research with the purpose of showing the main functions and a brief history

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista UNIP, Graduada em Arte pela Faveni, Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento pelo UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional pela FAMMESP - Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. aline.roberto@professor.educacaoararas.sp.gov.br

** Graduada em Bacharelado em Ciências da Computação pela UNESP – Rio Claro, Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano, Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas, Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura Inglesa pelo Centro Universitário Claretiano, Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento pelo UNAR Centro Universitário Dr. Edmundo Ulson, Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional pela FAMMESP - Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, Pós-Graduação em Gestão Escolar pela FAMMESP - Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. erica.serati@educacaoararas.sp.gov.br

*** Graduada em Pedagogia pelo UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento pelo UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional pela FAMMESP - Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. jessica.luizon@professor.educacaoararas.sp.gov.br

of drawing and its benefits in the kindergarten, reinforcing though the importance of having Art in the scholar curriculum. Besides that, everything we teach using ludicity is more meaningful. So, why not using drawing as a teaching tool too, since we can develop many habilities with this activity? Children have big interest when it comes to paper, ink, pencils or crayons, and teachers realize several aspects of children through drawing, such as their thoughts, how they see the world, their maturity, their balance, their motor development and so on. Because of this, this intention of this article is highlight to teachers that drawing is part of class and leads to the intelectual increasing of kids, besides being meaningful and simple.

Keywords: Drawing. Development. Cognitive.

Introdução

No Brasil, a Educação Infantil foi crescendo progressivamente, para que então se desenvolvesse ainda mais a partir da década de 1990, com a aprovação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e com o Referencial Curricular Nacional executado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura). Essas aprovações e mudanças implicam na qualidade, na rotina das instituições de ensino e na aplicação significativa de brincadeiras, rodas de conversas, histórias, oficinas de desenho, pintura, confecção de materiais recicláveis, dentre outras (AMORIM; CLARO, 2017).

Segundo Almeida (2003, p. 27):

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.

Ou seja, cada criança tem o poder de criar o seu próprio desenho e se expressar por meio dele, brincando, organizando ideias, emoções e pensamentos dentro de uma folha de por exemplo, representando assim aquilo que ela está sentindo perante algo que ela está vivendo. Observar um desenho infantil e tentar desvendar o que nele está é uma das sensações mais prazerosas da vida, pois é um misto de expressões únicas, sem contar nas habilidades que ele desenvolve mesmo sendo uma atividade simples: ele pode trazer a expressão, a crítica, o controle motor, linguagem, comunicação, movimentação corporal e estimulações cognitivas.

Os anos finais da educação infantil são de extrema importância para os alunos, essa etapa de garatuja tem um grande significado para o desenvolvimento de cada criança, com isso estamos preparando-os para as próximas etapas, pois tudo que é ensinado em sala de aula tem significado para a vida, mesmo que não percebemos, nada é ensinado

impensadamente ou sem significado, seja um desenho, seja um jogo, tudo tem um propósito.

Essa pesquisa possui um caráter bibliográfico, com abordagem de autores e ponto de vista sobre o tema trazendo reflexões e contribuições para o ensino de Artes, buscando salientar sempre que a arte é o maior meio criativo de exercitar a capacidade de criação do ser humano, pois a arte e sua ação cultural é o autêntico ato de conhecer e a educação cultural liberta, como dizia Paulo Freire (1984, p. 99):

[...] a educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos –também educadores –como consciências ‘intencionadas ‘ao mundo, ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores –educandos também –na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente.

1 Desenvolvimento

1.1 O desenho no desenvolvimento escolar

A Educação Infantil vem se desenvolvendo e diversificando ideias cada vez mais durante os anos, atualmente lidando com crianças entre zero a cinco anos de idade.

Para tanto, deve-se estabelecer um sistema de ensino significativo, no qual a aprendizagem resulte em desenvolvimento. Os cuidados ministrados nas creches incluem criação de um ambiente que garanta segurança física, que tenha oportunidade de explorar e construir sentidos, que se preocupe com a forma como elas estão se percebendo como sujeito, que seja cuidada e educada, que se sinta acolhida, que seja possível desenvolver sua identidade e autonomia. Esses objetivos serão alcançados através da proposta pedagógica das instituições quando colocada em prática, assim há a interação com o meio e as com atividades propostas.

O desenho como uma das ferramentas mais utilizadas por educadores, do mesmo modo que foi um dos primeiros meios de comunicação na pré-história, continua sendo o primeiro traço da criança. Nesse sentido, conhecer o desenho infantil e permitir que a criança seja protagonista de seu trabalho é um ato de respeito.

Neste período, a criança apresenta escasso conceito de tempo; em grande parte, o mundo, para ela, tem pouco de passado ou futuro. O conhecimento que um educador tem sobre desenhos infantis pode permitir que veja o progresso da criança, analisando e compreendendo o processo que é percorrido até ser finalizado. Ter contato com demais

tipos de desenhos ou obras pode se tornar ponto de partida para outros desenhos, e não se perde a autoria por isso.

Para tanto, a creche e o educador devem reconhecer o desenho infantil como linguagem e utilizá-lo para o processo de aquisição da língua escrita, enfatizando a afirmação de Vygotsky (1998) em que desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem das crianças, sendo seu meio de expressão, e consideradas uma linguagem necessária para a aquisição da escrita na alfabetização.

A criança já desde pequena observa o ambiente em que está inserida, e mesmo antes de aprender a escrever, tem contato com as letras e palavras no seu cotidiano, nos textos da televisão, computador, propagandas e tudo mais que está à sua volta. E portanto, é a alfabetização a fase de extrema importância, quando a criança estará ainda mais inserida na sociedade, uma vez que com a aquisição da leitura e escrita há uma nova visão do mundo em que vive, tendo a possibilidade de se comunicar através da escrita e expressar o que sente, assim como fazia no desenho.

Na pré-história, usava-se tintas naturais para desenhar nas cavernas símbolos que contavam histórias e lembranças de algo importante, mostrando o desejo inato de comunicação por parte do ser humano.

Assim como antigamente, as crianças nos primeiros anos de vida tendem a achar um jeito de se comunicarem também e, como a sua habilidade motora ainda não é tão desenvolvida, elas se comunicam através de movimentos corporais, sons, buscando sempre desenvolver novas formas de estar se inteirando com o mundo. Segundo Cartaxo (2013), toda criança aprende a se comunicar desde cedo com as pessoas que estão ao seu redor e, cada cultura produz uma forma própria de comunicação.

Um dos meios principais de comunicação para a criança é o desenho, que a permite expressar suas emoções e faz com que descubram e desenvolvam cada vez mais suas habilidades, pois os riscos na folha de papel não são uma representação do real e sim uma visão de como a criança vê o mundo sob o olhar dela, levando em conta seus sentimentos, pensamentos, ideias, críticas do mundo ao seu redor.

Para Vygotsky (1998, p. 149), ao desenhar a criança utiliza a memória, ela não desenha o que vê e sim o que conhece, ela o faz à maneira da fala, como se contasse uma história. Sendo assim, o desenho é visto como uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Também salienta que devemos interpretar o desenho da criança como um estágio preliminar da linguagem escrita.

Ou seja, trazer a ideia de método pedagógico-educacional através de desenhos é de extrema importância no cotidiano infantil, fazendo com que não seja apenas passatempo, mas sim uma atividade avaliativa de percepção em relação ao mundo crítico e ilusório, onde a criança tem o poder de mostrar seu ponto de vista da atividade dada.

1.2 A importância da Artes

Quando realizamos atividades em sala de aula, nem todas parecem realmente ter um significado para a vida, a escola tem o papel de preparar o aluno para o mundo, por isso ela carrega o peso de definir atividades e matérias que desenvolvam o melhor de cada aluno, preparando-o para a vida em sociedade. As aulas de artes, embora pareçam apenas diversão, trazem a ideia de desenvolver as áreas motoras, afetivas e as cognitivas, dando asas à imaginação, às críticas e principalmente à criatividade.

Segundo Ana Mae Barbosa (2007), durante as aulas de arte é elaborada uma Abordagem Triangular para aplicar o conteúdo, sendo uma metodologia aplicada em sala de aula, dividida em três pontos. A *Apreciação Da Arte*: despertando o lado crítico do aluno. O *Fazer artístico*: proporcionando ao aluno a prática artística. *Contextualizar*: conhecendo o contexto da obra podendo fazer o aluno entender como e por que tal obra foi realizada. Quando aplicamos essa metodologia, o aluno pode se expressar e adequar-se ao contexto, aumentando a participação em aula. Esse método é muito significativo, pois dá confiança ao aluno de relacionar-se e reproduzir algo que é comum no seu cotidiano. Tendo em vista este método, o professor consegue ofertar um ambiente rico em estimulação.

Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemáticos, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte (Barbosa, 1991).

Durante a fase escolar, o desenho contribui efetivamente no desenvolvimento, e o professor deve utilizar este mecanismo de maneira que estimule o aluno a produzir, instigando sua criatividade, e expressando pontos de sua subjetividade, distanciando a arte como desenhos livres sem significado. Devendo ir além de algo como releituras de obras, que ocorre constantemente em sala de aula, e potencializar as capacidades do

aluno, pois, um ambiente rico em estimulação conduz um bom desenvolvimento, e a escola tem seu papel nesse processo de estimulação.

As linguagens presentes na metodologia visual devem ser utilizadas além de apenas compreender como alguma matéria para “passar o tempo” ou a arte como uma “aula vaga”, mas sim usar as ferramentas que se tem disponibilidade, provocando consequentemente o aluno ao pensamento crítico, e à observação do mundo em que pertence, dando um novo entendimento ao universo da arte, fazendo-se entender a importância de se estimular e de se ter o ensino de arte presente na educação.

1.3 Desenvolvimento cognitivo através do desenho

O desenho para uma criança é a representação daquilo que ela pensa ou observa do mundo a sua volta. O ensino da Arte na escola implica muito sobre a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças no campo afetivo, cognitivo e social. O desenho auxilia esses campos para que seja possível o máximo de desenvolvimento possível.

[...] o desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral. A intenção de desenhar tal objeto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental; o objeto representado é o que, neste momento, ocupará no espírito do desenhador um lugar exclusivo ou preponderante (LUQUET *apud* MERLEAU-PONTY, 1990, p. 130).

Ou seja, a criança desenha para expressar o que vive e vê o mundo de acordo com o que sente, com o que vive e com o que aprende. Aos poucos os desenhos vão mudando de formato, de traços e de cores, vão se moldando conforme os aperfeiçoamentos das crianças.

De acordo com Bernadete Zagonel, Lilian Fleury, Gisele Onuki e Marília Diaz (2013), em sala de aula, pode se apresentar aos alunos a diversidade cultural utilizando o desenho, de maneira com que o aluno tenha conhecimento de novos gêneros, para evitar desmerecimento e preconceitos o que, além de expandir a visão cultural do aluno, tem uma grande importância no desenvolvimento cognitivo afetivo e social.

Através do desenho pode-se realizar atividades envolvendo as percepções de cores, formas, ritmos e diversas outras ideias que, segundo Naiara Batisti e Cam Souza (2008), causam efeitos tanto no desenvolvimento motor/físico como no psicológico. E a prática com instrumentos como: pincéis, lápis de cores, giz de cera, até mesmo os próprios dedos, auxiliam no desenvolvimento da motricidade.

Quando falamos de desenhos, os sentimentos e expressões são sempre expostos, pois um artista sempre é dotado de muitas ideias que envolvem pensamentos e sentimentos. No desenho também se nota características específicas do perfil do aluno, alguns adoram a cor preta, enquanto outros adoram tudo colorido, uns gostam de paisagem, outros preferem coisas do dia a dia com brinquedos, família, cachorro, o que para eles representa significado, evidenciando sua individualidade.

É importante que o professor enxergue como o aluno vê o próprio desenho, elogie e incentive, para que ele se sinta confiante em relação à sua produção. O orientador encorajando este sentimento, o aluno irá produzir mais vezes, aperfeiçoando suas habilidades.

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem é homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (Derdyk, 1990). Cada criança é única e seus pensamentos também, durante o cotidiano escolar o desenho acaba se tornando uma ferramenta lúdica que junto de outros processos de ensino só contribui ainda mais para o desenvolvimento infantil.

No começo de tudo, os desenhos são rabiscos sem nexos e o limite do desenho e da folha sempre é desconsiderado, o equilíbrio da canetinha e a firmeza das mãos é um desafio. Quando a criança avança seus primeiros passos no desenho, recebe o nome de garatuja, a criança se interessa mais pelo desenho e seus detalhes, procura aperfeiçoar as cores e traços, trazendo à tona a criatividade e a imaginação.

1.4 Etapas de Garatuja

O grande Piaget foi quem nomeou essa fase de desenvolvimento do desenho infantil de garatuja, que traz o significado de: “desenho desajustado, ilegível podendo até mesmo ser atribuído a adjetivos pejorativos como: desenhos toscos, malfeitos” (MAZIERO; SOARES, 2018).

As etapas de Garatuja são subdivididas em desordenada, ordenada, nomeada, pré-esquemática e esquemática.

No início esses traços não passam de rabiscos, os quais são denominadas garatuja, e ao passo que se desenvolve e adquire os meios para conhecer e interagir com

o seu redor, a criança começa a realizar construções cada vez mais elaboradas, que passam a assumir função simbólica (PAIVA; CARDOSO, 2010, p. 7).

Os rabiscos são as primeiras manifestações das crianças sobre o papel, sendo que muitos acreditam que nesse gesto de rabiscar não há significado nenhum, mas iremos apresentar que através dos rabiscos é que tudo se inicia, é a primeira expressão significativa da criança (APARECIDA; CORREA, 2013, p. 3).

Essas etapas de desenho ajudam no desenvolvimento social, afetivo, emocional, cognitivo e do sistema motor, desenvolvendo diversas capacidades. É importante evidenciar que essas fases não ocorrem em idades específicas, pois, o nível de desenvolvimento delas varia conforme ou quanto a criança for estimulada, e se torna importante citá-las para entender desde o princípio como desenho no desenvolvimento cognitivo.

1.4.1 Garatujas Desordenadas (1 a 2 anos de idade)

As Garatujas Desordenadas são desenhos feitos pelas crianças que não conseguem entender que um simples rabisco na folha é ela mesma que reproduz com o movimento do braço e da mão, ou seja, para ela é como se fosse uma resposta involuntária, caracterizando o desenho como linhas em diversas direções. Sem preferência por cores ou alinhamento de estética, tudo ali é feito sem nenhuma expectativa.

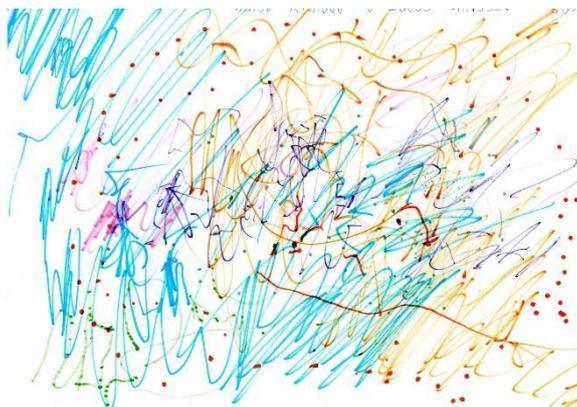


Figura 1 – Etapas do Desenho Infantil (1 a 2 anos de idade)
Fonte: *Metamorfose Expressiva* (2016)

1.4.2 Garatujas Ordenadas (a partir de 2 anos de idade)

Quando a criança entra na etapa de Garatujas Ordenadas ela já tem a percepção visual de que a movimentação dos seus braços e mãos são o que fazem o desenho sair no

papel, então elas começam a utilizar cores que mais gostam e as formas de linhas e rabiscos nessa etapa se modificam e diversificam cada vez mais, a forma circular é muito característica dessa etapa ordenada de garatujas. A figura humana é representada de forma imaginária, sem exploração do traçado ou interesse pelas formas. Nessa fase a criança diz o que vai desenhar, mas não existe relação fixa entre o objeto e sua representação. Por isso ela pode dizer que uma linha é uma árvore, e antes de terminar o desenho, dizer que é um cachorro correndo (Coelho, 2010).

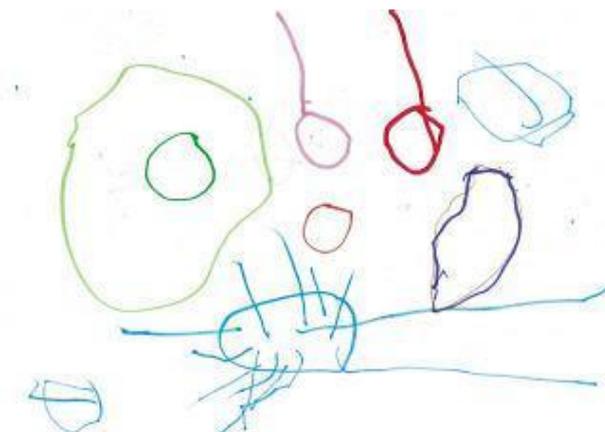


Figura 2 - Etapas do Desenho Infantil (a partir de 2 anos de idade)
Fonte: Projeto Brincar e Aprender (2015)

1.4.3 Garatujas Nomeadas (a partir de 3 anos de idade)

Os desenhos dessa etapa são associados a histórias e explicações, são atribuídos com mais significado, que tenham grande importância para a criança que está desenhando. A criança passa mais tempo desenhando, gosta de escolher mais as cores, definir mais os traços, geralmente a cabeça do humano que ela tenta desenhar acaba ficando maior que o resto do corpo.

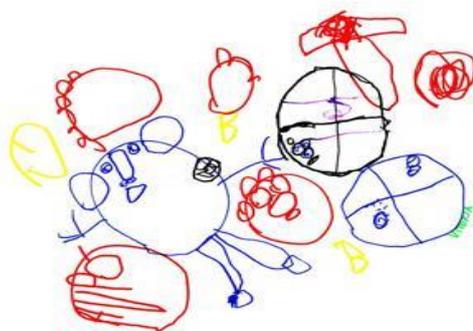


Figura 3 - Etapas do Desenho Infantil (a partir de 3 anos de idade)
Fonte: Avisa Lá – Revista, ed. 31, 2007

1.4.4 Fase Pré-Esquemática (4 a 6 anos de idade)

A criança já começa a desvendar a relação do desenho com a própria realidade, as formas se tornam mais reconhecíveis e com grande envolvimento emocional com exageros, desproporções, cores repetidas muitas vezes. Essa fase é marcada principalmente por representações de figuras humanas, família, amigos e animais de estimação.

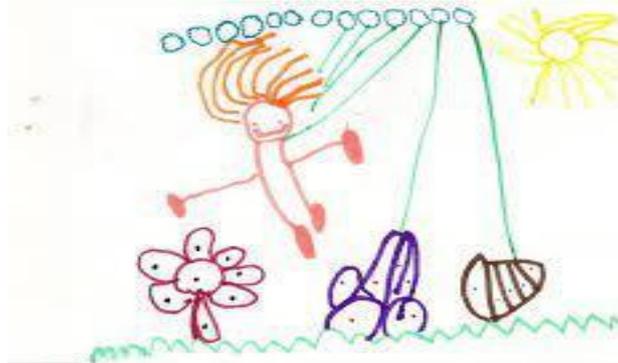


Figura 4 - Etapas do Desenho Infantil (4 a 6 anos de idade)
Fonte: Melo (2016)

1.4.5 Fase Esquemática (7 a 9 anos de idade)

Nessa etapa da garatuja, a criança já soube definir o conceito e forma, os desenhos se tornam representações muito mais semelhantes à sua realidade atual e se descrevem sozinhas.

Segundo Lowenfeld, citado por Nicolau (2008), a grande descoberta nesta etapa é a da existência de uma ordem definida nas relações espaciais. A criança deixa de pensar “há uma árvore, há um homem, há um automóvel” sem estabelecer relação mútua entre esses elementos, como fazia no estágio pré-esquemático. Ela agora pensa: “estou no chão, o automóvel está no chão, a grama cresce no chão, todos nós estamos no chão”. Aparece então a linha base, indicando a consciência que a criança tem de que a parte de seu meio ambiente e a mudança da atitude egocêntrica passa para a de cooperação.

A criança já sabe que sua coordenação motora é quem define os desenhos e que as cores têm relações com os objetos que ela desenhou.



Figura 5 - Etapas do Desenho Infantil (7 a 9 anos de idade)
Fonte: BLOOM (2018)

1.5 Estímulo da criatividade por meio do desenho

Na antiguidade, a criatividade era vista como um dom divino, uma mensagem recebida pelos deuses, havia também teorias que diziam que a criatividade se originava da loucura, onde as manifestações artísticas eram consideradas atos que advinham dos desajustes inconscientes das pessoas. Teorias mais atuais dizem que a criatividade é um processo evolutivo que é fruto da complexidade ou do contexto histórico e social construído ao longo da vida de cada indivíduo. É importante ressaltar que todos possuímos essa capacidade criativa e que ela se torna mais aparente à medida que é estimulada.

[...] relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, são inatos no ser humano, mas necessitam serem estimuladas para serem desenvolvidas, por meio de atividades dramáticas, musicais e artes plásticas. Além, naturalmente, de outras atividades do círculo escolar (Reverbel, 2011, p. 23).

O desenho como enfatizado neste trabalho, ajuda na desenvoltura da criança através da possibilidade de se expressar, auxiliando não somente no desenvolver cognitivo, mas também na ampliação dos seus pensamentos e visões com histórias diferentes que dão a possibilidade de ser o que quiserem. Esse estímulo quando incentivado, tende a ajudar na comunicação quando adultos e a serem proativos com iniciativas, sempre buscando fatores criativos. No desenho a importância de ser criativo traz vários pontos positivos, como o fato de trabalhar mais a personalidade.

A importância de ser criativo reflete na possibilidade de acrescentar experiências, e quanto mais experiências uma pessoa tem, maior a sua imaginação, demonstrando que uma coisa “puxa” a outra.

Segundo Derdyk (1994) o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel.

De um modo geral, percebe-se que não há uma idade certa para que a criança passe de uma etapa para outra, elas variam de criança para criança. No entanto, certo é que o invariável é a ordem sucessiva das etapas. Assim, a evolução dos desenhos da criança não é a mesma para todas as idades, diferenciam-se para cada uma delas. Isto porque sua evolução tem a ver com as experiências, as oportunidades para investigar, em experimentar diversos materiais para desenhar, inclusive, do esclarecimento de suas dúvidas, da participação da família, bem como da cultura local vivenciada por cada uma das crianças (Melo, 2016).

Considerações Finais

Conforme pesquisa sobre o tema, foi observado que cada criança tem sua maneira e seu tempo de desenhar, cada uma tem uma visão diferente do mundo a sua volta e isso é aprendido em forma de diversão. Desenhar não significa ter ajuda, ter tema, basta apenas ser criativo e usar e abusar dos materiais que se tem.

O desenho diz muito sobre as crianças, as cores, os traços refletem muito o lado emocional, afetivo, criativo e crítico da criança, mostrando que ela tem um modo de visualizar o mundo que muitas vezes outras pessoas ou crianças não têm.

Durante a pesquisa, foi possível notar como usar o desenho na a sala de aula é um benefício para as aulas e para a aprendizagem em si, pois a aula teórica pode se tornar mais prática e leve, despertando criatividade e proporcionando uma mente mais saudável ao aluno, ajudando sempre na interação social, afetiva e também no desenvolvimento cognitivo do mesmo, oferecendo também a oportunidade de exercitar a coordenação visual-motora, a atenção, formar sua personalidade e interpretar a realidade de seu próprio cotidiano.

Referências

AMORIM, A. P. de O.; CLARO, A. L. de A. A contribuição do desenho no desenvolvimento da criança na Educação Infantil: uma análise teórica. *In: EDUCERE, XIII., Anais[...]*, 2017.

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

APARECIDA, G.; CORREA, A. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. 2013. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

AVISA LÁ. **Ver além dos rabiscos**. 2007. Disponível em: <https://avisala.org.br/index.php/assunto/tempo-didatico/ver-alem-dos-rabiscos/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1991.

BLOOM, A. **Espaço do desenho infantil**. 2018. Disponível em: <http://luzpedagogica.blogspot.com/2018/11/etapas-do-desenho-infantil.html>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BATISTI, N.; SOUZA, C. **A Dança na escola: uma abordagem psicomotora em crianças de 6 a 8 anos**. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd201/danca-na-escola-uma-abordagempsicomotora.htm>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CARTAXO, S. R. M. **Pressupostos da educação infantil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Editora Livraria Civilização, 1969.

METAMORFOSE EXPRESSIVA. Construção gráfico-plástica: Lowenfeld. 2016. Disponível em: <https://metamorfoseexpressiva.wordpress.com/2016/05/28/construcao-grafico-plastica-lowenfeld/>. Acesso em: 29 jul. 2023.

MELLO, L. S. **O desenho infantil e suas etapas de evolução**. 2016. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_2.pdf. Acesso em: 27 mar. 2023.

MAZIERO, S. M. B.; SOARES, F. B. O desenho no processo de desenvolvimento cognitivo. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/413/TCC-FERNANDA%20SOARES%20RU%201326325.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 jul. 2023.

NICOLAU, M. L. M. **A educação artística da criança**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PROJETO BRINCAR E APRENDER. O desenho Infantil – Garatuja Controlada. 2015. Disponível em: <https://projectobrincareaprender.wordpress.com/2015/06/25/o-desenho-infantil-garatuja-controlada/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

REGINA, V. Rabiscos e Garatujas. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/dreamkids/rabiscos-e-garatujas/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

REVERBEL, O. **Jogos teatrais na escola**. São Paulo: Scipione, 2011.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins, 1998.

ZAGONETE, B.; FLEURY, L.; ONUKI, G.; DIAZ, M. (Org.). **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Editora Intersaberes, 2014.